

O HISPANISMO NOS ESTADOS UNIDOS

José Luis Bendicho Beired*

É sabido que os Estados Unidos possuem uma grande produção acadêmica sobre o mundo hispano-americano, a qual se projeta internacionalmente por meio de uma ampla gama de congressos, livros e periódicos. Desde quando, como e por que esse interesse se manifestou no mundo acadêmico norte-americano? Até que ponto essa pergunta pode ser respondida com base em critérios instrumentais que remetem à tese da dominação econômica, política e cultural da nação do norte sobre o restante da região?

Neste texto proponho estabelecer uma reflexão sobre as raízes do interesse dos estudiosos dos Estados Unidos pelos temas hispano-americanos, buscando oferecer alguns elementos históricos pouco considerados na América Latina e em especial no Brasil. Nesse sentido, vou me debruçar sobre o hispanismo norte-americano, entendido como o campo de estudos dedicado à história, cultura, língua e literatura da Espanha e dos territórios de colonização hispânica.¹

Há poucas pesquisas dedicadas a tal assunto e por isso vou iniciar tomando os dados de um verbete de 1925², da *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo Americana*, também conhecida como *Enciclopèdia Espasa Calpe*, publicada na Espanha. Com o título de “Hispanismo”, o longo verbete trata da situação internacional dos estudos hispânicos no campo da língua, da literatura e da cultura. As informações arroladas a respeito do hispanismo nos Estados Unidos são surpreendentes e essa corrente de estudos chega a ser ali definida como mais entusiástica e generosa que a da França, país de grande tradição na área. O primeiro tópico do verbete é justamente dedicado à presença dos estudos hispânicos na república norte-americana, evidenciando a importância dos Estados Unidos no campo do hispanismo internacional: “Una pujante, fecunda y reivindicadora hispanofilia háse desarrollado en la gran republica

* Departamento de História – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

¹ Este sentido difere de outra acepção que entende o “hispanismo” ou “hispano-americanismo” como movimento empenhado no estreitamento de laços entre a Espanha e a seus antigos domínios americanos. Sobre esta perspectiva, ver (Rama: 1982; Van Aken, 1959)

² Reproduzido na edição de 1958.

norte-americana”. São tratados os centros de cultura espanhola nos Estados Unidos, os seus estudiosos, obras e o ensino do castelhano.

O ensino da língua é um aspecto que permite dimensionar a influência do hispanismo. Em 1916, havia sido fundada em Nova York a *American Association of Teachers of Spanish* que publicava regularmente a revista *Hispania* e contava com 1.200 membros em 1925. Quatro anos depois era fundado o *Instituto de las Españas*, também em Nova York, como resultado da conjugação de esforços internacionais que incluíam a *Junta para la Ampliación de Estudios* de Madri, a *Oficina de Relaciones Culturales Españolas*, vinculada ao Ministério de Relações Exteriores da Espanha, e diversas instituições e universidades norte-americanas. Tendo como diretor o espanhol Federico de Onís, o instituto declarava ter como objetivo: “estimular o interesse pela civilização espanhola, portuguesa e ibero-americana e fomentar as relações culturais entre os estados Unidos e os povos íberos”.

O verbete assinalava a crescente difusão do ensino da língua espanhola. Informava que nas escolas secundárias da cidade de Nova York havia 30.880 alunos matriculados em cursos de espanhol em 1923, o que representava mais do que os matriculados em francês, alemão e italiano. Estimava também em 2.900 o número de professores de língua e literatura espanhola e um total de 300 mil alunos no país, distribuídos em todos os níveis. Na década de 1910, o seu ensino era oferecido por mais de 200 universidades e centros de estudos superiores e em 765 escolas secundárias.

Um tópico realçado pelo verbete é a respeito a uma entidade, a *Hispanic Society of America*, fundada pelo milionário e hispanista Archer Milton Huntington, na cidade de Nova York, em 1904. Sua finalidade expressa era:

“Difundir o estudo dos idiomas espanhol e português e cultivar em toda a extensão e escalas possíveis a história e a literatura da Península Ibérica e de todos os países que o espanhol e o português são ou tenham sido falados”

O seu monumental edifício, construído em um suntuoso estilo neoclássico, assim como a compra de terrenos, foram financiados por Huntington, assim como todas as coleções de livros, documentos e obras artísticas. A sua biblioteca havia sido adquirida de inúmeros bibliófilos e livreiros espanhóis e contava com 100 mil volumes, 5.000 manuscritos além de um valioso acervo de arte dos mais importantes pintores espanhóis

da Idade de Ouro aos contemporâneos. Para a sua decoração contratou o famoso artista espanhol Joaquín Sorolla para pintar quadros e murais inspirados no caráter de cada uma das províncias espanholas. Publicava regularmente documentos históricos e edições críticas de obras clássicas, além de periódicos. Até 1917 havia publicado *Bibliographie Hispanique*, e continuou a publicar *Bibliotheca Hispanica* e *Revue Hispanique*, esta de caráter trimestral e considerada a revista de crítica e investigação literária mais importante internacionalmente, sob a direção do famoso hispanista francês Foulché-Delbosc. Vale ainda lembrar a criação da *The Hispanic American Historical Review* no ano de 1918, como elemento sintomático do aumento do interesse pelos temas hispânicos no campo dos historiadores.

A estruturação do campo de estudos hispânicos havia atingido tal envergadura que mereceu a publicação do primeiro livro a respeito, *El hispanismo en Norte-America. Exposición y crítica de su aspecto literario*, de autoria de M. Romera-Navarro, publicado na Espanha, em 1917. O trabalho de Romera Navarro constitui uma fonte importante para a apreciação do hispanismo norte-americano, não apenas por constituir o primeiro estudo dedicado ao assunto, mas também por oferecer um quadro ao mesmo tempo amplo e detalhado da trajetória dos estudos sobre a Espanha na vida acadêmica e cultural dos Estados Unidos. Esse professor da Universidade da Pensilvânia toma inicialmente os precursores do século XIX para em seguida voltar-se aos contemporâneos da passagem do século XIX para o XX. Uma seção é dedicada ainda à já citada *Hispanic Society of America*, na qual são descritos os seus acervos e analisado o seu papel na promoção do hispanismo. Dentre os pioneiros do hispanismo são examinados: os historiadores Washington Irving (1783-1859) e William Hickling Prescott (1796-1859), o historiador literário George Ticknor (1791-1871), e os poetas Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882) e James Russel Lowell (1819-1891). Os contemporâneos, muito mais numerosos, são tratados em capítulos divididos por especialidades: eruditos e poetas; expositores e críticos; biógrafos e historiadores; organizadores de coletâneas e comentaristas; tradutores e prologuistas; e, finalmente, viajantes.

De nacionalidade espanhola, Romera Navarro buscava contestar o senso comum sobre a Espanha que predominava fora das suas fronteiras como um povo moribundo e atrasado. Reconhecia que o país havia se encontrado anteriormente em uma fase

histórica de desorientação, indisciplina e romantismo. Porém, com uma perspectiva *regeneracionista*, entendia que uma nova etapa havia sido aberta pela guerra de 1898, pautada pelo dinamismo nos campos político, econômico e cultural.

Consideramos que o livro constitui um claro esforço no sentido de afirmar tanto a grandeza e as contribuições da civilização espanhola quanto o seu papel na formação dos Estados Unidos. O autor via satisfeito que nesse país começava-se a fazer justiça aos povos hispano-americanos, não mais “vistos com desdém, ou ao menos com tanto desdém quanto antes”, quer em razão dos vínculos econômicos e literários, quer em função da empatia mútua produzida pela ampliação do estudo das línguas estrangeiras. Lembrando que grande parte do seu território havia sido domínio espanhol assinalava que não apenas a toponímia continuava espanhola como também os seus habitantes falavam, pensavam e sentiam em espanhol (Romera Navarro, 1917: 6-7). Por tais motivos, consideramos que obra fazia parte de um movimento mais amplo de difusão e afirmação do hispanismo nos Estados Unidos e visava afirmar o lugar acadêmico de um campo de estudos em ascensão, aspecto que retomaremos mais adiante.

Posteriormente, outros trabalhos foram desenvolvidos buscando analisar a trajetória do hispanismo nos Estados Unidos. Um dos mais recentes é o de autoria do chileno Iván Jaksic, *Ven conmigo a la España lejana: los intelectuales norteamericanos ante el mundo hispano. 1820-1880* (Jaksic, 2007). O autor concentra a sua atenção sobre os estudiosos do século XIX, alguns deles abordados no livro de Romera Navarro: Washington Irving, Henry Longfellow, William Prescott e George Ticknor, além de Mary Peabody Mann, escritora e tradutora do *Facundo* de Domingo Faustino Sarmiento, a qual muito contribuiu para a difusão da obra e do prestígio do autor nos Estados Unidos.

Em comparação ao trabalho de Romera Navarro, o de Iván Jaksic desenvolve uma análise dos hispanistas norte-americanos com maior profundidade e perspectiva crítica. A sua tese central é que um problema pouco evidente à primeira vista mobilizava tais estudiosos: oferecer elementos à construção da identidade nacional dos Estados Unidos em uma fase crucial da sua história. A transformação dos Estados Unidos em um império, os problemas fronteiriços, a relação com povos diferentes ao sul e a oeste do território norte-americano, as relações diplomáticas e a busca de elementos de coesão interna para um jovem país eram desafios cuja fonte de inspiração foi buscada

em um país que vivera no passado tais situações e cujo estudo podia contribuir a encontrar respostas.

Quais foram os principais marcos interpretativos oferecidos pelos hispanistas do século XIX e em que medida estiveram filtrados pelo olhar estadunidense? Romera Navarro chamou a atenção para um aspecto interessante daquela produção: como filhos de uma jovem nação, faltavam-lhes lendas e tradições antigas que pudessem servir de inspiração, de crítica e de objeto de estudo. E justamente a Espanha parecia oferecer mais encanto romântico que todo o restante da Europa (Romera Navarro, 1917: 15). Foi o caso do escritor Washington Irving, que em uma carta ao sobrinho afirmou não conhecer nada que lhe desse mais deleite do que a antiga literatura espanhola. Quando serviu como representante do governo dos Estados Unidos na Legação em Madri, entre 1842 e 1846, já era um autor consagrado. Em 1828 havia publicado seu primeiro livro, *History of life and travels of Cristobal Colon*; seguido por *Chronicles of the Conquest of Granada* e *Voyages and Discoveries of the Companions of Columbus*, de 1831, que foram sucedidos por inúmeras outros livros.

A sua obra de altíssima qualidade literária foi pautada pela fantasia poética e o encantamento mágico de uma narrativa que valorizava mais os aspectos lendários do passado do que os fatos e os documentos históricos. Isso o tornou não só um autor lido por um público amplo, mas também um intérprete que contribuiu para moldar a percepção sobre a história espanhola tanto nos Estados Unidos quanto na própria Espanha. O seu reconhecimento foi instantâneo. Assim que publicou o livro sobre Cristovão Colombo, foi incorporado à Real Academia de História por iniciativa do seu diretor Martin Fernandez de Navarrete, historiador cuja pesquisa documental serviu de base para o trabalho do norte-americano. Para os espanhóis, Irving havia dado beleza ao conjunto dos importantes eventos da reconquista espanhola e da conquista da América, dando-lhes um caráter épico que beirava o romance. Apesar das suas irônicas críticas a certos aspectos da história espanhola, em sua maioria os acadêmicos concordavam com a sua crítica liberal ou consideravam secundárias as suas impertinências em comparação com as partes elogiosas do passado espanhol.

William Prescott imprimiu outra abordagem ao estudo do passado baseada em ampla e sólida pesquisa documental. Em 1837 publicou *History of the Rein of Ferdinando and Isabela*, seguida por outras obras de envergadura sobre a conquista do

México e do Peru e o reinado de Felipe II. Prescott foi iniciado nos estudos hispanistas pelo amigo e professor de literatura em Harvard, George Ticknor, autor de uma importante história da literatura espanhola. A relação intelectual com Ticknor levou-o a abandonar os estudos de alemão e interessar-se primeiramente pelo período do domínio árabe e depois pela ascensão dos reis católicos, sob cujo governo acreditou nascerem os fundamentos do moderno sistema político europeu.

A história de Fernando e Isabel é a história triunfal da Reconquista e da construção do Estado, das maiores conquistas na política, da exploração comercial e da mais alta manifestação do caráter nacional espanhol. Mas também o início da decadência uma vez que a Inquisição ganhou terreno e a expansão se transformou em poder imperial. O livro obteve excelente recepção na Europa e a simpatia dos estudiosos espanhóis, entre eles Martin Fernandez de Navarrete e Pascual Gayangos, e como Irving também aceitou o convite para ingressar na Real Academia de la Historia. Animado com a recepção dessa obra, escreveu em seguida mais dois trabalhos, o primeiro sobre o México, *The History of the Conquest of México* e *The History of the Conquest of Peru*. O trabalho sobre o México foi publicado em inglês em três volumes em 1843 e em seguida em espanhol, obtendo grande reconhecimento entre os historiadores. Suas obras baseavam-se em uma extensa pesquisa de fontes primárias inéditas, em geral coletadas e compradas na Espanha e na América por meio do auxílio de diplomatas e estudiosos a exemplo do mexicano Lucas Alamán.

Sua visão da história era pautada pela hierarquização das civilizações, pela crítica à “barbárie” asteca, à intolerância, ao fanatismo e à ambição dos espanhóis e pela visão da superioridade do catolicismo em relação às superstições americanas. Apesar disso, opunha-se à Lenda Negra e minorava os excessos dos conquistadores alegando que não podiam ser julgados com os olhos do presente. Assim, Prescott considerava haver um imperativo religioso que fazia de Hernán Cortéz um soldado de Cristo e tornava um dever a conquista do México, interpretação que lhe valeu inúmeras críticas em vida e que ele rebateu como anti-históricas (Romera Navarro, 1917: 35). Para ele dois elementos eram centrais na vida espanhola e na conquista: a religião católica e o espírito de cavalaria movido pela busca de aventura, glória e honra, aspectos que não encontrava em outros países europeus. Tais trabalhos, orientados por uma visão

romântica da natureza e das façanhas dos conquistadores, tornaram-no o mais reconhecido historiador da expansão espanhola.

De acordo com Jaksić, Prescott se interessava pela conquista do México e do Peru por terem sido o resultado da ação da Espanha e porque tudo o que dizia respeito à Espanha e ao Novo Mundo também fazia parte da história dos Estados Unidos. Consideramos que dessa forma, Prescott unia as origens do passado norte-americano a um momento épico e glorioso da história espanhola e do nascimento da história moderna. Ainda que a sua visão liberal incidisse criticamente sobre certos aspectos da história da Espanha, principalmente o fanatismo religioso e a Inquisição, era fascinado pelo processo que na sua opinião havia moldado o “caráter nacional espanhol” durante a reconquista e que haviam permitido o surgimento heróico de uma nação. A biografia de Fernando de Aragão e Isabel de Castela foi publicada na Espanha entre 1845 e 1846 em quatro tomos e de forma imediata se sobressaiu, pois não havia ali nenhuma obra similar tão documentada e profundamente dedicada ao assunto. O tradutor espanhol empenhou-se em eliminar da tradução certas palavras e expressões que atingiam a Espanha e o catolicismo, ao passo que os editores perceberam a oportunidade política de lançar a obra durante a minoridade da rainha Isabel II, filha de Fernando VII, de modo a reforçar a sua legitimidade por meio da analogia com o reinado de Isabel de Castela. Ou seja, a obra influenciou não apenas a historiografia espanhola, mas também a percepção dos acontecimentos políticos da península.

Professor da Universidade de Harvard, George Ticknor desempenhou no campo da literatura o papel de Prescott em relação à História. A sua principal obra, *History of Spanish Literature*, publicada em 1849, teve diversas edições corrigidas e ampliadas durante a vida do seu escritor. Estimulado ao estudo da Espanha por Prescott, de quem foi íntimo amigo pela vida toda, Ticknor se propôs a escrever uma história da literatura que fosse mais além dos livros e incorporasse o processo cultural como um todo. Em declaração a um amigo, manifestou que:

“En realidad, desde hace muchos años estoy persuadido de que la historia literaria no debe confinarse, como lo há estado hasta aquí, a un circulo de escritores eruditos y de buen gusto literario, sino que, como la historia, en general, debería mostrar el caracter del pueblo al cual concierne. He intentado, por consiguiente, escribir mi relato de la literatura española de tal

modo que la misma literatura venga a ser un expositor de la particular cultura y civilización del pueblo español (Ticknor, 1876: 253)

Ticknor desenvolveu a sua obra com base em viagens à Europa e à manutenção de inúmeros contatos com professores, colecionadores e escritores que o municiavam de informações e documentação. Segundo Romera Navarro, a obra de Ticknor foi caracterizada pela exatidão, detalhismo, rigor acadêmico e elegância de estilo. Essas qualidades ultrapassavam com grande vantagem alguns juízos parciais, superficiais e desabonadores dos espanhóis. Para Ticknor, a riqueza da literatura espanhola derivava do seu caráter popular na Idade Média, tendo atingido o seu ápice durante o reinado de Carlos V para passar à decadência a partir de Felipe II. Traduzido na Espanha, o livro tornou-se uma referência. Não apenas foi saudado como a primeira síntese da história literária espanhola como também oferecia a demonstração de que existia uma literatura nacional. E embora considerasse que no conjunto a literatura espanhola era menos perfeita que a francesa e a italiana, sustentava que ela era mais rica e original.³ O seu fascínio pela Espanha dirigia-se fundamentalmente ao passado quando o seu poderio e a sua cultura haviam alcançado o auge para dar lugar à lenta e inexorável decadência. Ticknor viveu os últimos dias da sua vida em meio à Guerra Civil Americana, assombrado pela possibilidade de que algo similar ocorresse nos Estados Unidos depois de conquistar a sua unidade nacional.

Apesar das suas diferentes trajetórias, as vidas desses intelectuais se cruzaram e se uniram em torno da dedicação ao estudo e compreensão do mundo hispânico. O interesse pela Espanha deitava raízes nos próprios Estados Unidos, onde o romantismo alimentava a busca de tradições que sustentassem a identidade da nação. Buscaram deliberadamente assentar as tradições nacionais na conquista da América, vista como uma das maiores realizações da humanidade. Por isso, a história era o instrumento para a construção da nação e promoção dos valores específicos do país; a história respondia às necessidades do presente e à projeção das aspirações do futuro; e a história revelava as lições mais úteis para trilhar o caminho do futuro.

³ Além disso, Ticknor também manteve estreita correspondência com intelectuais hispano-americanos de vários lugares tais como Andrés Bello, Antonio José de Irisarri, Juan Maria Gutierrez, Domingo del Monte e, conhecedor dos escritos de Sarmiento, fez questão de encontrá-lo pessoalmente em Boston em 1865.

O estudo do passado havia permitido apreciar a dinâmica de uma nação, a Espanha, cuja história foi interpretada na sua ascensão, apogeu e declínio. Apesar dos juízos positivos, no conjunto a visão norte-americana construiu uma visão da Espanha como essencialmente negativa e como a antítese dos Estados Unidos. Uma série de dicotomias foi criada. O país ibérico visto como corrompido, intolerante e embevecido por glórias perdidas no tempo foi contraposto à pujança, à inovação e à liberdade norte-americana. No caso da América Hispânica, aos estereótipos negativos foram acrescentados outros, a exemplo da degeneração dos seus componentes raciais e sua inclinação ao caudilhismo e à violência política.

Como lições, a Espanha mostrava que as maiores conquistas culturais e políticas podiam degenerar e transformar-se em ruínas abrindo uma era de decadência. Isso havia ocorrido pelo abandono dos valores fundamentais da nação forjados na Reconquista e pelos efeitos da expansão ultramarina, que ao invés de fortalecer, levou à debilidade e ao declínio do país, estimulando o fanatismo e a intolerância. Aos diversos hispanistas norte-americanos não passou despercebida a analogia entre o império hispânico e a ascensão dos Estados Unidos como potência, deixando no ar o fantasma da decadência.

Um comentário final sobre o desdobramento do trabalho dos precursores dos estudos hispânicos nos Estados Unidos. Um deles foi a criação da *American Association of Teachers of Spanish* e de sua revista, em 1916. Outro foi a publicação de um periódico especializado no campo da história, o famoso *The Hispanic American Historical Review*. No seu primeiro número de 1918 encontramos diversos elementos que contribuem a pensar o seu lugar no hispanismo e na historiografia norte-americana.

O diretor-executivo da *American Historical Review*, J. Franklin Jameson assinalava o crescimento e a diversificação da pesquisa histórica desde a criação dessa publicação em 1895, o avanço comparativo da área de estudos hispano-americanos em relação a outras áreas, e o fato de que mais de um terço do país esteve sob domínio da Espanha, enquanto o restante do território manteve relações com a América Espanhola e Portuguesa por três séculos. Além disso, chamava a atenção para os problemas atravessados pelos países europeus, a posição dos Estados Unidos como a mais rica nação depois da Primeira Guerra e a possibilidade destes conquistarem uma nova posição no mundo como jovem nação. Tomando como exemplo o papel científico dos

periódicos históricos na Europa, tratava de justificar a sua multiplicação nos Estados Unidos para o avanço da área de história (Jameson, 1918: 4)

A criação da nova publicação foi inicialmente discutida na reunião da *American Historical Association* realizada em San Francisco em 1915, por sugestão do principal convidado internacional o prof. Rafael Altamira, da Espanha⁴. O assunto continuou a ser discutido no *American Congress of Bibliography and History*, em Buenos Aires, em 1916, até receber um espaço formal de discussão na reunião anual da *American Historical Association*, realizada em Cincinnati no mesmo ano. Ali, um comitê de trinta historiadores e autoridades se reuniu para discutir o projeto da revista. O historiador Charles Chapman apresentou o resultado de uma consulta feita por carta a 72 especialistas, dos quais 46 se manifestaram enfaticamente favoráveis a uma publicação dedicada à história da Espanha, de Portugal e dos seus antigos domínios americanos. Uma comissão com representação nacional foi indicada pelos membros da reunião para definir o nome, a política editorial, produção e data de publicação do primeiro número (Chapman, 1918: 8-20)

Os recursos financeiros mostraram-se aquém do esperado, mas foram suficientes, compostos basicamente por doações dos professores e empresários, com a participação fundamental do arquiteto espanhol Juan Cebrián. Radicado há décadas nos Estados Unidos e estudioso apaixonado da história espanhola, foi um membro ativo do hispano-americanismo, movimento internacional que buscava promover o estreitamento de relações entre a Espanha e a América.⁵

A discussão sobre a determinação do nome da revista é um tópico interessante. Todas as palavras do título foram debatidas uma a uma. Já nas primeiras consultas, várias objeções haviam sido feitas à idéia original de William Robertson e Charles Chapman em relação ao título *Ibero-American Historical Review*. O assunto foi levado à votação na comissão organizadora, a qual teve de optar entre “*Hispanic*” ou “*Latin*”, vencendo o primeiro termo por 6 a 1, com duas abstenções. Os argumentos do mecenas Juan Cebrián foram considerados como a melhor expressão da posição vencedora: em resumo, “*Hispanic*” reportava à colonização romana da Península Ibérica, a qual no seu

⁴ Altamira era o mais importante historiador espanhol de então e conhecido membro das fileiras do movimento hispano-americanista.

⁵ Juan Cebrián colaborou com US\$ 2.500,00 dos US\$ 3.675,00 levantados.

conjunto recebeu o nome de *Hispania*, com cinco divisões provinciais, incluindo a *Lusitania*. A posição de Juan Cebrián manifestava claramente a posição da corrente hispano-americanista no sentido combater o *latinismo* e, por conseguinte, o uso da denominação América Latina (Sepúlveda, 2005: 350-359). Esta era por ele considerada como uma denominação enganosa, ambígua, injusta e não científica.

Entretanto, em que pese o prestígio do mecenas espanhol na decisão do nome, consideramos que a opção dos historiadores norte-americanos pela fórmula “*hispanic american*” foi essencialmente de ordem não material. Expressava uma longa história de laços forjados desde o século XIX, os quais vinculavam os Estados Unidos à Espanha por meio de intelectuais, publicações e idéias, fazendo convergir a posição de norte-americanos e espanhóis em torno da conceituação do mundo ibérico e dos domínios americanos.

O sucesso do projeto da *The Hispanic American Historical Review* foi o reflexo da articulação de um campo de estudos que, inaugurado pela ação de um conjunto de pioneiros, se transformou em uma corrente de pesquisa alimentada pelo crescente interesse em relação ao mundo ibérico, e principalmente latino-americano. Finalmente, cabe perguntar em que medida os antigos estereótipos continuaram a moldar as abordagens do século XX.

REFERÊNCIAS

- BOURNE, E. G. *Spain in America. 1450-1580*. New York; London, 1904. *Apud* ROMERA NAVARRO, M. *Op. Cit.*, p. 11.
- CHAPMAN, Charles. The founding of the review. *The Hispanic American Historical Review*, vol. I, nº 1, p. 8-20, Feb. 1918.
- HISPANISMO. *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo Americana*. Tomo XXVII. Madrid: Espasa Calpe, 1958, p. 1767-1778.
- JAKSIĆ, I. “*Ven conmigo a la España lejana*”: los intelectuales norteamericanos ante el mundo hispano. 1820-1880. Santiago: FCE, 2007.
- JAMESON, J. Franklin. A new American historical journal. *The Hispanic American Historical Review*, vol. I, nº 1, p. 2-6, Feb. 1918.
- RAMA, Carlos. *Historia de las relaciones culturales entre España y la América Latina*. México: F.C.E., 1982.

ROMERA NAVARRO, M. *El hispanismo en Norte-America*. Exposición y crítica de su aspecto literário. Madrid: Renacimiento, 1917.

SEPULVEDA, Isidro. *El sueño de la Madre Pátria*. Hispanoamericanismo y nacionalismo. Madrid: Marcial Pons, 2005.

TICKNOR, G. Life, letters and journals of George Ticknor. V. II Boston: 1876. *Apud* ROMERA NAVARRO, M. Op. Cit. p. 48.

VAN AKEN, Mark. *Pan-hispanism*. Its origin and development to 1866. Berkeley: University of California Press, 1959.